

Valor Econômico – 30/10/2007

Cresce a preocupação com alta dos preços

Vilma Pavani, para o Valor

É consenso entre especialistas que a tarifa média de energia elétrica brasileira ficou muito alta nos últimos anos. O preocupante é constatar que a tendência é de elevação constante nos próximos, em razão de fatores diversos.

Considerando especificamente a tarifa média cobrada do consumidor industrial, houve aumento de 200% entre 2001 e 2006, muito superior aos indicadores de inflação do período (IGPM ou IPCA - entre 60% e 50%). A partir de 2003, o Brasil passou a ficar em situação desconfortável diante dos seus principais competidores. Enquanto países como Coréia do Sul e Índia não mediram esforços para manter os custos de energia elétrica competitivos, o Brasil tornou-se um dos países de tarifas mais elevadas do mundo. Em 2006, a tarifa industrial brasileira fechou a R\$ 206 Mwh, com aumento de 11,36% em relação ao ano anterior.

Eduardo Carlos Spalding, da Associação Brasileira de Grandes Consumidores Industriais e Consumidores Livres (Abrace), diz que as projeções do plano decenal do setor elétrico indicam novos aumentos reais superiores a 30% até 2015. À explosão dos encargos tributários, ele soma a evolução distorcida das tarifas de distribuição e o realinhamento tarifário como fatores de elevação de preços.

Assim como Spalding, **Claudio Sales, do Instituto Acende Brasil**, prevê expressiva alta das tarifas. Ambos ressaltam que a necessidade de crescimento da economia brasileira - em si um fato positivo - funcionará como um ponto de pressão sobre as tarifas. Estima-se que se o PIB nacional crescer 4,5% ao ano nos próximos dez anos, o consumo de energia elétrica aumentará cerca de 70% no período.

"A demanda vai aumentar muito e com os atrasos de implantação dos empreendimentos hidrelétricos previstos, e a entrada, nos leilões de energia, de fontes energéticas mais onerosas, como óleo combustíveis e térmicas, certamente elevarão os preços para os consumidores", diz **Claudio Sales**. Aos argumentos do governo, de que nos próximos anos uma série de projetos na área de energia estarão em ação, ele retruca que há atrasos "vigorosos" na sua implementação e que as autoridades se comportam como se as dificuldades de toda ordem fossem desaparecer "como num passe de mágica".

Fausto De Paula Menezes Bandeira, consultor legislativo da área de recursos minerais, hídricos e energéticos da Câmara dos Deputados, em Brasília, também não tem dúvidas de que os "valores das tarifas de energia elétrica no país são crescentes". Uma das razões, diz ele, é sem dúvida o aumento da carga tributária e dos encargos setoriais incidentes sobre a tarifa de energia elétrica.

Além disso, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) vem retirando aos poucos os subsídios que consumidores residenciais repassavam aos consumidores industriais, para obedecer ao decreto que estabeleceu normas para disciplinar o realinhamento gradual das tarifas ao consumidor final - de forma que até o final de 2007 todos os consumidores paguem o mesmo valor pela energia adquirida e valores diferenciados pelos encargos de uso dos sistemas de transmissão. Isso explica a maior velocidade no aumento das tarifas dos consumidores industriais nos últimos anos.

Outra razão está associada à lei da oferta e da procura. Segundo Bandeira, devido à percepção de risco ambiental e regulatório no setor elétrico brasileiro, investidores estão deixando de aplicar recursos em geração de energia hidrelétrica. "Há significativo atraso nos investimentos em geração hidrelétrica e certa aversão dos investidores para se arriscar na construção dessas usinas, o que se traduz na exigência de taxas de retornos mais altas para tais investimentos e, conseqüentemente, em custos maiores para a energia que venham a gerar."

Bandeira observa ainda, considerando o risco regulatório, que as alterações realizadas em 2003 no modelo do setor elétrico criaram dificuldades para que grandes consumidores investissem em autoprodução de energia a partir de fonte hidrelétrica. "Em função desses riscos crescentes para a

hidreletricidade, e visando evitar o racionamento, fontes de geração de energia elétrica mais caras, à base de combustíveis fósseis (gás natural, óleo diesel, óleo combustível e carvão) estão sendo implementadas e acionadas no país. Os custos de geração no Brasil são, portanto, crescentes, e as tarifas seguem a mesma tendência."

Para Gileno Barreto, gerente sênior do grupo de energia da Price Waterhouse, em razão da carga tributária os preços da energia elétrica brasileira superam não apenas os concorrentes diretos, como Índia, Rússia e China, como os países europeus, incluídos aí Áustria e Noruega (que depois do Brasil são os que mais tributam o setor). "É sabido que o Brasil precisa de fortes investimentos para elevar a oferta de energia - e para obtermos melhores preços e manter a competitividade, isso não pode demorar muito."

Apesar de o governo ter considerado um sucesso o último leilão de energia, neste mês, o deputado Arnaldo Jardim (PP-SP), da Comissão de Minas e Energia da Câmara dos Deputados, continua cético em relação aos preços futuros, que para ele devem manter a tendência de alta. "Já está havendo precificação em razão da previsão de escassez de energia mais à frente", diz. Jardim afirma que o setor se desenvolver, e com tarifas mais adequadas, é preciso reduzir a percepção de risco para os investidores. "Todos concordamos que o processo de análise para concessão das licenças ambientais pode ser melhorado e agilizado, mas tem de ser feito sem prejuízo das metas de desenvolvimento sustentável e da preservação do meio ambiente". Por isso, ele defende como prioritária a redução da carga tributária e de encargos setoriais.

Ricardo Benichio / Valor



Claudio Sales, do **Instituto Acende Brasil**: projeções do plano decenal do setor elétrico indicam novos aumentos reais superiores a 30% até 2015